
Fake news e MBL: uma nova forma de simulacro do hiper-real

Júlia Frank de Moura¹

Estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido (BAUDRILLARD).

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar como as *fakenews*, notícias falsas, publicadas nas redes sociais do Movimento Brasil Livre (MBL) são formas de simulacros e criadoras de novas realidades, fazendo parte do hiper-real. E como as mesmas servem de tática para perpetuar a alteridade e o desentendimento entre movimentos neoliberais, como o MBL, e a esquerda. A pesquisa utiliza em seu referencial teórico autores como Jean Baudrillard e Slavoj Žižek, e, como metodologia, a iconografia e iconologia de Panofsky, para conseguir alcançar uma leitura iconológica e mais profunda das notícias.

Palavras-chave: simulacro; MBL; fake news; ideologia; imagem.

Abstract

The presente article aims to analyze how fakenews, false News, published in the social networks of the Movimento Brasil Livre (MBL) are new forms of simulacra and form new realities, being a part of the hyper-real. And how these News serve as a tactic to perpetuate the alterity and disagreement between neoliberal movements, such as MBL, and the left. The reserche uses as theoretical reference authors such as Jean Baudrillard and Slavoj Žižek, and as a scientific method the iconography and iconology from Panofsky, as a form to achieve a deeper iconological Reading of the News.

Keywords: simulacra; MBL; fake news; ideology; image.

Introdução

Baudrillard inicia o primeiro capítulo de Simulacros e Simulação discutindo a alegoria da fábula de Borges, na qual o mapa de um império seria tão grande que cobriria todo seu território e acabaria confundindo-se com o próprio real. Utilizando-se desta metáfora da simulação, ele explica o hiper-real: um real sem origem nem realidade, no qual o mapa é que precede o próprio território. O presente artigo busca uma análise de exemplos de *Fake News*, notícias falsas, compartilhadas pelo grupo MBL (Movimento Brasil Livre), enquadrando-as na categoria de simulacros deste hiper-real citado pelo autor. O movimento utilizou notícias não comprovadas e sem referencial e as compartilhou em suas redes sociais, para intensificar a alteridade e a sua discordância com os ideias da esquerda. Nesta pesquisa serão analisadas 2 dessas postagens do MBL:

¹ Estudante do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Formada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Bolsista CAPES.

uma notícia sobre o velório de Fidel Castro, publicada pelo movimento no final de 2016; e uma postagem sobre as 8 pessoas mais ricas do mundo, na qual o movimento afirma que todas seriam de esquerda, e nenhuma de direita. Por se tratarem de postagens em uma rede social, estas são também imagens, e formam signos na mente do leitor com seu próprio conteúdo. Como fundamentação teórica são utilizados autores como Jean Baudrillard e Slavoj Žižek, e uma das formas de análise é a iconografia e iconologia de Panofsky, para que a pesquisa alcance uma leitura mais profunda das duas imagens, na fase iconológica. No texto, busca-se discutir estas imagens como simulacros do hiper-real em que a sociedade vive atualmente, e a ideologia dentro desta realidade. Foi preciso, portanto, definir alguns conceitos durante o texto, como o de simulacro e o próprio conceito de ideologia.

O simulacro é o novo real, ou o real deixou de existir?

Para denominar as duas *fake news* utilizadas na pesquisa como exemplos de simulacro, é preciso compreender a diferença entre dissimular e simular, abordada por Baudrillard no começo do livro. O autor explica que “O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência” (BAUDRILLARD, 1981, p.9), deixando claro que simular não é fingir, e põe em questão a situação do real e do imaginário. Quando um paciente simula uma doença, determina em si próprio alguns dos sintomas, enquanto o indivíduo que a dissimula, apenas finge estar acometido por ela (BAUDRILLARD, 1981, p.9). No caso do MBL, as notícias não são publicadas com o intuito de fingir uma questão, ou dissimular um assunto. O movimento, que é de ideologia neoliberal, acredita que o que está publicando é verdadeiro, mesmo sendo de tamanha incoerência, tornando as postagens simulacros. Como se trata do hiper-real, não é mais uma questão de ser coerente ou não.

Já não tem de ser racional, pois já não se compara com nenhuma instância, ideal ou negativa. É apenas operacional. Na verdade, já não é o real, pois já não está envolto em nenhum imaginário. É um hiper-real, produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera. (BAUDRILLARD, 1981, p.8)

Ou seja, as *fake news* publicadas já não tem de ser racionais, não são comparadas com algum ideal de base. Elas são, como citou Baudrillard, operacionais, em busca do seu objetivo final, a alteridade com a esquerda. Ainda como comenta o autor, não são envolvidas em nenhum imaginário.

Para autores como Vladimir Safatle, a sociedade capitalista atual se organiza pela racionalidade cínica. Esta mesma sociedade na qual as questões do hiper-real já não tem de ser coerentes, é também envolta no cinismo e, portanto, capaz de aceitar todos esses simulacros e novos reais sem imaginário precedente.

O segredo dessa sociedade na qual os vínculos com os objetos são frágeis, mas que é capaz de alimentar-se dessa fragilidade mesma está naquilo que chamamos de “ironização absoluta dos modos de vida”. Pois, em uma sociedade da insatisfação administrada, os sujeitos não são mais chamados a identificar-se com tipos ideais construídos a partir de identidades fixas e determinadas, o que exigiria engajamentos e certa ética da convicção, fato impossível em uma situação de crise de legitimidade como a nossa. Na verdade, eles são cada vez mais chamados a sustentar *identificações irônicas*, ou seja, identificações nas quais, a todo momento, o sujeito afirma sua distância em relação àquilo que ele está representando ou, ainda, em relação a suas próprias ações [...] Ela ganha relevância em uma situação histórica, como a nossa, na qual a ideologia no capitalismo pode livrar-se de todo e qualquer vínculo privilegiado a conteúdos substantivos. (SAFATLE, 2008, p. 134)

Ao levar a análise das notícias para o campo das imagens, como faz-se com este trabalho, Baudrillard defende que tudo seria uma questão do poder assassino destas, assassinas do real. (BAUDRILLARD, 1981, p.12). O autor cita as fases sucessivas da imagem, que seriam: o reflexo de uma realidade profunda; a deformação e máscara sobre esta realidade profunda; o mascaramento da ausência da realidade profunda; enfim, a imagem não tem mais nenhuma relação com qualquer realidade: ela é seu próprio simulacro puro. (BAUDRILLARD, 1981, p.13). Ou seja, ao se tornar um simulacro puro, que simula a realidade e sente seus próprios sintomas, as notícias publicas pelo MBL, aqui tomadas como imagens (pois são posts em redes sociais destinados a observadores), se tornam novos reais, pois não tem mais nenhuma relação com qualquer outra realidade. Passa-se a viver então com a ideia de uma verdade alterada, uma realidade criada, são seu próprio real, dentro do hiper-real que a sociedade vive. O simulacro torna-se portanto mais forte que o próprio real (hiper-real), que já não existe, pois perdeu todo seu referencial.

É nesta sociedade do hiper-real, definida por Baudrillard como o mundo da precessão dos simulacros, no qual : “a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real” (BAUDRILLARD, p.8), que as Fake News se tornam mais fortes que seu próprio referencial, que é apagado. Slavoj Zizek argumenta que estas *Fake News*

hiper-reais estão presentes na sociedade desde muito antes da invenção da internet no século XX. Tomando-se como exemplo, há a famosa série de fotos alteradas no governo de Stalin, nas quais Trotsky, antigo membro do partido comunista, mas que não compartilhava dos mesmos ideais do então chefe de estado, sendo então expurgado, fora removido da imagem, através de técnicas da época, hoje consideradas obsoletas e primitivas, como o uso de um bisturi. *Fake News* sempre estiveram na mídia, elas são parte do nosso discurso político. O que mudou recentemente, segundo Zizek são duas coisas: primeiro as novas técnicas midiáticas, como internet e facebook, onde pessoas podem se organizar e onde parece não haver uma autoridade reguladora. Abre-se espaço para pessoas ordinárias se organizarem mas, também, para a criação de táticas novas como as *fake news*. Segundo, crescimento do populismo: não acredite no que o governo e a mídia estão te contando. Conclui-se que com a web 2.0, essas notícias falsas alcançam um novo patamar. (ZIZEK, 2017).

Toda notícia é *fake News*, e toda *fake News* é uma verdade.

Para Slavoj Zizek toda notícia é *fake News* porque já está dentro de uma ideologia. Em seu filme documentário “O guia pervertido da ideologia”, Zizek, inicia a narrativa com a metáfora da lata de lixo. Segundo Zizek a população está comendo de uma lata de lixo o tempo todo. A lata de lixo se chama ideologia e sua força material seria não deixar as pessoas verem o que realmente estão comendo. Quando indivíduo pensa ser livre e ter escapado dela, é aí, segundo Zizek, que ele está mais afundo na ideologia. Há uma ordem invisível que sustenta a liberdade aparente. Segundo Zizek ela não nos é imposta, ela é nossa relação espontânea com o mundo social, é como percebemos seu significado. Sair da ideologia é uma experiência dolorosa, exige esforço. Seria por isso que aceita-se tão facilmente as *fakenews* mais *sui generis*?

Marilena Chauí, em seu livro “o que é ideologia”, define ideologia como sendo “um ideário histórico, social e político que oculta a realidade” (CHAUÍ, 1980, p.7), segundo a autora este ocultamento faz com que seja capaz de manter-se a desigualdade social e dominação política das massas. (CHAUÍ, 1980). Chauí, para uma entrevista à rede de coletivos chamada de Jornalistas Livres, cita que o neoliberalismo, e portanto movimentos neoliberais como o MBL, trabalha com a transformação de direitos em serviços, e para isso ele precisa de uma ideologia para defender como tais escolhas seriam positivas e proveitosas hipoteticamente.

Nesta reflexão cabe o questionamento: não seriam os simulacros uma nova técnica de demonstrar alteridade pelas ideias opostas, e uma técnica em busca da vitória pela ideologia reinante? Segundo Baudrillard: “os simulacros atuais tentam fazer coincidir o real, todo o real, com os seus modelos de simulação” (BAUDRILLARD, p.8), uma verdadeira estratégia de ideias reinantes, trazer todo real para dentro de seu modelo de simulação do hiper-real.

Análise e método.

Como corpus da pesquisa foram escolhidas duas *fakenews* criadas pelo MBL, movimento que surgiu em 2014 e já conta com mais de 2,6 milhões de curtidas no Facebook e mais de 216.000 inscritos em seu canal do YouTube². As duas imagens tem um ponto muito importante em comum, serviram para o MBL intensificar sua alteridade e sua discordância com a esquerda. Porém sem explicar suas diferenças idealísticas, servindo apenas como uma forma de ataque à sua inimiga declarada (esquerda).

O método científico aplicado neste artigo é a iconografia e iconologia de Panofsky, justifica-se a escolha deste método para que análise das duas figuras alcance um olhar de leitura iconológica e mais aprofundada sobre as duas imagens. Panofsky divide as esferas do tema/ mensagem da imagem em: significado primário, ou natural; significado secundário ou convencional; e intrínseco ou conteúdo. O tema primário ou natural é subdividido em fatural e expressional, é feito pela descrição de formas puras e percepção de qualidades expressivas, este mundo de formas puras é chamado pelo autor de mundo dos motivos artísticos (PANOFSKY 1986), e através de seu detalhamento é obtida a descrição pré-iconográfica. Para a segunda fase da descrição de um tema, a fase iconográfica, é necessário adentrar o mundo dos conceitos manifestados em imagens, esta descrição é também chamada de secundária ou convencional, é o campo das estórias e alegorias. A terceira e última fase, a iconológica, é definida por Panofsky como aquilo que “é aprendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica...” (PANOFSKY, 1986, p.3), esta fase também é exemplificada pelo autor através do quadro da Última Ceia, pois segundo ele, para adentrar a fase iconológica na leitura desta tela,

² Dados sobre as curtidas coletados no dia 21 de fevereiro de 2018.

por exemplo, o leitor precisaria se familiarizar com o conteúdo dos evangelhos, do contrário poderia interpretar a imagem como um mero jantar animado.

A primeira *fakenews* (FIGURA 1) diz respeito a um post publicado pelo MBL em sua página do Facebook, em 2016, sobre o velório de Fidel Castro. O ex presidente Cubano havia falecido no dia 25 de novembro, e seu enterro aconteceu no dia 04 de dezembro. Fidel era conhecido por ser de esquerda e ter implantado ideias político-marxistas em Cuba. Segundo a imagem, seguida de alguns informes, publicada pelo MBL na sua rede social, os cubanos teriam virado de costas durante o velório do presidente (figura 1). Esta informação foi, mais tarde, comprovada falsa, pois as pessoas da foto estavam apenas servindo de cordão de isolamento humano, fato que fora comprovado, dentre outras maneiras, com outras imagens.



Figura 1 imagem publicada pelo MBL em seu Facebook.

Numa descrição da fase pré-iconográfica da imagem, nota-se pela mudança de formas e estruturas, que há várias pessoas colocadas uma ao lado da outra, de costas para um automóvel que passa com flores brancas e pessoas vestidas com uniformes. Mesmo que tente-se estabelecer uma relação apenas pré-iconográfica desta determinada imagem, e que acredite-se estar identificando as coisas com base apenas na experiência pura e simples, Panofsky alerta que em todos os casos o expectador lê o que vê com base em

suas condições históricas, portanto esta análise também não estará livre disso, e até mesmo o olhar pré-iconográfico já é pré-determinado (PANOFSKY, 1986 p.5). É preciso estar na fase iconográfica para determinar que isso é uma cerimônia de funeral, segundo costumes, crenças e alegorias já presentes na mente do leitor, e que as pessoas no automóvel são de algum exército/governo. Como a imagem do post contém uma frase: “Cubanos viram as costas durante funeral de Fidel Castro”, o internauta pode ser bloqueado de uma pesquisa maior para decifrar um possível significado iconológico, se contentando com a mera leitura iconográfica e acaba não descobrindo que, na verdade, as pessoas ali postas não estão de costas ao funeral como sinal de protesto e, sim, servindo de cordão de isolamento humano voluntariamente para ajudar na organização da cerimônia. A fase iconológica, que necessitaria de um maior conhecimento no assunto, e pesquisa, traz a realidade para o expectador, de que aquelas pessoas na verdade não estavam protestando, como mostrara a fase iconográfica. É nesta terceira fase que acontece a classificação da notícia como *fake news*, e o enquadramento na categoria de simulacro.

A segunda imagem escolhida para esta pesquisa, é um *print* (FIGURA 2) de uma postagem onde o MBL compartilhou uma notícia dizendo que a maior parte dos 8 empresários mais ricos do mundo seria de esquerda. Na figura há imagens de homens e também texto, como a imagem será analisada como um todo, o texto é contado como parte da imagem total (post) e não como o texto do post em si.



Figura 2 post do MBL em sua página do Facebook

Em um olhar pré-iconográfico identifica-se um print de uma notícia compartilhada pelo MBL, na qual, afirma-se, sem a presença de maiores dados, que da maior parte dos 8 homens mais ricos do mundo, a maioria é de esquerda e nenhum de direita. A imagem contém fotos dos 8 sujeitos e um comentário do movimento: “eis o bug discursivo do milênio. É a queda de narrativa da década... Acabou-se, enfim, o mito: o esquerdista é elitista e contra a igualdade”. Há ainda, no print, um comentário de um internauta: “Buffet não é de esquerda. O cara reina em Wall Street”. Seguido de uma resposta do MBL: Wall Street adora o esquerdismo. Apoiaram Hillary em peso.

Na fase iconográfica, o leitor, através da empatia, estórias e alegorias que conhece, já consegue reunir as informações e formar uma melhor imagem mental do que está ocorrendo na imagem. Consegue notar melhor as feições nas fotos dos 8 sujeitos, captar o sentimento que elas estão transmitindo, processar melhor mentalmente as informações escritas e, talvez, concordar ou não, e ainda reconhecer algum dos 8 milionários. Mas é somente na terceira fase, a iconológica, que é capaz de perceber a incoerência no que é

dito, e classificar o *print* como um exemplo de *fake news*, encaixando-o na categoria de simulacro.

Considerações Finais.

Buscou-se, através desta pesquisa, uma análise de como as *fake News*, notícias falsas, são formas de simulacros, criando novas realidades e fazendo parte do hiper-real, definido pelo filósofo Baudrillard. Estas *fake news* podem ser enquadradas na categoria de simulacros, pois não são dissimulações do real e sim novos reais. Não há mais a questão da coerência presente nesta nova realidade vivida, o hiper-real. Também é apagado todo imaginário precedente, e são criadas estas novas simulações. Tudo é real, e todo real se tornou espetacularizado.

Filósofos como Slavoj Žižek defendem que as *fake news* sempre existiram, toma-se como exemplo a série de imagens alteradas no governo stalinista, que foram divulgadas posteriormente. Porém com a invenção e crescimento da WEB 2.0, essas notícias alcançaram um novo patamar. O autor também conclui que toda notícia é falsa, pois já está inserida dentro de um patamar ideológico, portanto não estaria totalmente livre de simulações ideológicas. Simulacros poderiam servir, então, como uma técnica para demonstração de alteridade com relação às ideias opostas (como o simulacro do MBL é oposto aos ideias da esquerda, por exemplo), na busca pela ideologia dominante, neste caso, o neoliberalismo.

Na análise, o método utilizado foi a iconografia e iconologia de Panofsky, justificou-se esta escolha, para que se pudesse chegar à uma leitura mais profunda das imagens na fase iconológica. Foram duas imagens de *fake news* analisadas: a primeira é uma imagem do enterro de Fidel Castro, na qual, segundo o MBL afirmou, as pessoas estariam protestando de costas para o caixão; a segunda imagem trata-se de um *print* de uma notícia compartilhada pelo movimento na qual afirma-se que dos 8 homens mais ricos do mundo, a grande maioria seria de esquerda. Analisando-as, chegou-se a conclusão de que as imagens só podem ser caracterizadas como *fake news* e encaixadas na categoria de simulacros em sua terceira fase, a iconológica, que é quando o maior conhecimento na área, ou pesquisa sobre o assunto, é exigido.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean.** Simulacros e simulação. Editions Galilée: Lisboa, 1981
- CHAUÍ, Marilena.** O que é ideologia. Brasiliense: São Paulo, 2008.

PANOFSKY, E. "Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença". In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65

SAFATLE, Vladimir. Cinismo e falência da crítica. Boitempo: São Paulo, 2008.

ZIZEK, Slavoj. The Pervert's Guide to Ideology. Direção: Sophie Fiennes, Zeitgeist Films: 2012. 1 DVD (136m).

ZIZEK, Slavoj. Slavoj Zizek on Trump and fake News. 2017,(5m21s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IQ9vf9mRyq8>. Acesso em: fev de 2018.